O GLOBO
Publicado em 19/01/2023 - 05:57

Lula: golpistas pareciam acatar ordem de Bolsonaro

IMPRESSÕES PÓS-ATAQUE

Lula vincula Bolsonaro a 'golpe de Estado' e diz que setor de inteligência fracassou

REPRODUÇÃO

Tom duplo. Lula durante entrevista à GloboNews: presidente emitiu recados em duas direções a militares

BRUNO GÓES, FERNANDA TRISOTTO E LAURIBERTO POMPEU
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Dez dias após os atos golpistas na Praça dos Três Poderes e em meio a desconfianças sobre as Forças Armadas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) classificou os ataques de 8 de janeiro como um início de golpe de Estado e afirmou que enxerga as digitais de Jair Bolsonaro, antigo ocupante do Palácio do Planalto, na ação dos extremistas. Em entrevista exclusiva à jornalista Natuza Nery, da GloboNews, o petista afirmou ainda que não optou pelo caminho de um decreto de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), em que os militares assumiriam o comando das ações de segurança, para não abrir mão de executar o próprio poder e criticou frontalmente o setor de inteligência do Executivo por não evitar o que ocorreu. Em outro momento, Lula amenizou o tom contra a caserna e abriu brecha para "contemporizar" em alguns momentos, se for necessário para melhorar a relação.

Golpe e digitais de Bolsonaro

Lula estava em Araraquara (SP) quando viu as primeiras imagens dos bolsonaristas radicais invadindo o Palácio do Planalto, Congresso e Supremo Tribunal Federal (STF). Diante do cenário, o presidente manteve conversas com autoridades, como o ministro da Justiça, Flávio Dino, e retornou a Brasília.

— Liguei para o Gonçalves Dias (ministro do Gabinete de Segurança Institucional, o GSI) e perguntei: onde estão os soldados? Fiquei com a impressão de que era o começo de um golpe de Estado. Fiquei com a impressão, inclusive, de que o pessoal estava acatando ordem e orientação que o Bolsonaro deu por muito tempo.

Após a derrota para Lula, Bolsonaro ficou semanas sem fazer a live semanal que se tornou tradicional durante os quatro anos. Para o petista, a postura adotada após a eleição — o ex-presidente também viajou para os Estados Unidos antes mesmo do fim do mandato — é um sinal de que há envolvimento do adversário, o que está sendo investigado em um inquérito no STF.

— A decisão dele de ficar quieto depois de perder, de não passar a faixa para mim, de ir embora como se estivesse fugindo com medo de alguma coisa, e o silêncio mesmo depois do acontecimento daqui, me dava a impressão de que ele sabia de tudo o que estava acontecendo. Possivelmente, o Bolsonaro estivesse esperando voltar para o Brasil na glória de um golpe.

Inteligência 'não existiu'

O presidente voltou a afirmar que houve conivência na invasão ao Planalto e criticou duramente o setor de inteligência do Executivo, composto por diversos órgãos. Às vésperas dos atos, houve informes da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e da Polícia Federal sobre a chegada em massa de ônibus em Brasília e a possibilidade de ações violentas. Lula disse, no entanto, que deixou a capital federal na sexta-feira achando que estava tudo "tranquilo":

— Temos inteligência do GSI, da Abin, do Exército, da Marinha, da Aeronáutica. Nenhuma dessas inteligências serviu para avisar ao presidente que poderia ter acontecido isso. Não foi nenhum analfabeto político que invadiu o Planalto. Era gente que preparou isso por muito tempo. Nós cometemos um erro elementar: a minha inteligência não existiu. Eu saí daqui na sexta com a informação que tinham 150 pessoas no acampamento e que não iriam permitir que entrassem mais ônibus.

Sem 'rainha da Inglaterra'

Antes de decidir pela intervenção na segurança pública do Distrito Federal, outra opção à mesa de Lula era decretar GLO. Neste modelo, que ocorreu no Rio em 2017, as Forças Armadas assumem o controle da segurança pública — algo que Lula quis evitar.

— Quando fizeram GLO no Rio, o (Luiz Fernando) Pezão, que era governador, virou rainha da Inglaterra. Eu tinha acabado de ser eleito presidente. E eu não ia abrir mão de cumprir minhas funções e exercer o poder na plenitude.

> *"Liguei para o Gonçalves Dias (ministro do GSI) e perguntei: onde estão os soldados?"*
>
> **Lula,** sobre a reação que teve ao ver a invasão ao Planalto

> *"O que nós podemos investigar numa CPI que a gente não possa investigar aqui e agora? Uma CPI pode criar uma confusão tremenda"*
>
> **Lula,** afirmando ser contra a hipótese de uma CPI sobre os atos

Política, só tirando a farda

Lula deverá se reunir com os comandantes de Exército, Marinha e Aeronáutica ainda esta semana, em uma agenda organizada pelo ministro da Defesa, José Múcio, com o intuito de reduzir as tensões. Na entrevista, Lula adotou um tom duro ao listar um dos temas que vai abordar: a politização das Forças Armadas, acentuada no governo Bolsonaro. Em um dos casos mais explícitos, o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello participou de um ato em apoio a Bolsonaro em maio de 2021, enquanto ainda era general da ativa. Ainda assim, o Exército decidiu não puni-lo.

— As instituições que dão garantia ao país não precisam ter partido ou candidato. Quero que a gente volte à normalidade. Quem quiser fazer política tire a farda, renuncie ao seu cargo e vá fazer política. Enquanto estiver nas Forças Armadas, não pode fazer política. Está na lei.

O presidente acrescentou que haverá punições para militares que tenham participado dos atos, "não importa a patente e a Força". Em um caso já identificado, o Exército indiciou um militar que esteve na ação e xingou oficiais.

'Contemporizar'

Os recados à caserna, no entanto, não foram apenas rígidos. Lula abrandou o tom ao defender Múcio, escalado para comandar a área sensível justamente por ser considerado habilidoso politicamente. Outro tema que será tratado na conversa com os chefes das Forças será a necessidade de investimentos, e as prioridades elencadas por Exército, Marinha e Aeronáutica.

— Não quero ter problemas com elas (Forças). O José Múcio é meu amigo de muitos anos. Confio, tem muita habilidade política. Tem gente que não gosta disso, quer que saia logo na porrada. Não é assim. Se a gente puder conversar, contemporizar, para que a coisa melhore amanhã, a gente vai fazer.

Sem CPI

Apesar de defender a necessidade de investigações sobre os ataques, Lula evidenciou que prefere as apurações restritas ao Judiciário.

— O que nós podemos investigar numa CPI que a gente não possa investigar aqui e agora? O que você pensa que a gente vai ganhar com uma CPI? Uma comissão de inquérito pode não ajudar e criar uma confusão tremenda. Não precisamos disso agora.

Xadrez de 2026

Ao ser perguntado se Bolsonaro ainda poderia disputar eleições e retornar ao poder, Lula disse que isso dependeria das investigações e dos processos aos quais responde. Em seguida, porém, enfatizou que não considera "ninguém carta fora do baralho":

— Se o Bolsonaro tiver participação direta no que aconteceu, ele tem que ser punido, e se ele for punido, ele é inelegível. Eu não considero ninguém carta fora do baralho. Muita gente me considerava carta fora do baralho, e eu estou presidente outra vez.

Estratégia conjunta

Lula acrescentou que no encontro que terá com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em fevereiro, pretende tratar também de estratégias contra o radicalismo político. Nos EUA, Biden convive hoje com a sombra de uma nova ascensão de Donald Trump.

— A primeira coisa que a gente tem que ter clara é que a extrema-direita existe no mundo inteiro. É preciso que as forças democráticas se manifestem, não importa a qual partido a pessoa pertença.

Recado fiscal

Lula voltou a dizer que é preciso fazer a economia volta a crescer e promover distribuição de renda e demonstrou insatisfação em relação às cobranças para garantir a estabilidade fiscal:

— Ninguém foi mais responsável do ponto de vista fiscal do que eu fui. Temos que dar garantia para a sociedade brasileira de que a gente não vai gastar mais do que ganha, mas temos que mudar o discurso. Não podemos dizer que o dinheiro para a educação é gasto. É investimento, assim como na saúde.

Alfinetada no Banco Central

O presidente também criticou a venda de estatais e a independência do Banco Central, aprovada em 2021:

— Nesse país, se brigou muito para ter um Banco Central independente achando que ia melhorar o quê? É uma bobagem achar que um presidente do Banco Central independente vai fazer mais do que fez o Banco central quando o presidente é quem indicava. Eu duvido que esse presidente do Banco Central seja mais independente do que foi o (Henrique) Meirelles.

CRISTIANO MARIZ/08-01-2023

Depredação. Extremistas sobem a rampa durante invasão ao Palácio do Planalto: Lula voltou a afirmar que entrada de bolsonaristas radicais foi facilitada

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.